



MULHERES EM MOVIMENTO MUDAM O MUNDO E A UNIVERSIDADE!



Somos feministas anti-capitalistas em luta por igualdade e liberdade para todas as mulheres. **O capitalismo patriarcal e racista se sustenta em relações de exploração, dominação e opressão.**

Estamos em movimento para mudar a vida das mulheres e o mundo. Nossa estratégia é **a auto-organização das mulheres e a aliança com os movimentos sociais.**

Nos organizamos a partir do lugar em que vivemos e trabalhamos, mas conectadas com mulheres que resistem e lutam em todas as partes do mundo. Somos estudantes, camponesas, negras, sindicalistas, lésbicas e diversas mulheres feministas que enfrentamos todos os dias a violência e a dominação do capitalismo patriarcal e racista.

No Brasil, a Marcha Mundial das Mulheres está organizada em comitês em bairros, cidades e estados. **Somos parte da Frente Brasil Popular e estamos construindo o Congresso do Povo** como uma iniciativa de fortalecer a organização popular, derrotar o golpe e abrir um novo período de mudanças no Brasil.

MULHERES EM MARCHA PELA DEMOCRACIA E CONTRA O NEOLIBERALISMO

O neoliberalismo precisou atacar a democracia para implementar seus interesses. Colocou em prática uma agenda de privatizações, de mais ajustes que desmontam a garantia de direitos e os serviços públicos, intensificou o conservadorismo, a criminalização da pobreza e dos movimentos sociais.

Vemos todos os dias um jogo de poder baseado em algumas disputas e grandes acordos entre as elites reacionárias detentoras poder econômico e midiático, e que hegemonizam o poder executivo, judiciário e legislativo.

Queremos votar em eleições livres para presidente e definir os rumos das políticas com soberania popular. A perseguição e a condenação do ex-presidente Lula sem provas colocam como questão central na conjuntura atual o direito dele se candidatar nas próximas eleições. Derrotar o golpe passa por combinar um amplo e aguerrido movimento nas ruas com a vitória eleitoral. A disputa eleitoral deve se dar com um programa de radicalização da democracia e de convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte.

SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIA!

A crítica feminista ao processo de **mercantilização da vida** é muito potente porque ajuda a entender como funciona a engrenagem do sistema capitalista, patriarcal e racista. O capitalismo se reestrutura permanentemente usando os mesmos mecanismos violentos de acumulação que estavam em sua origem: a exploração do trabalho, a apropriação das terras e da natureza, o controle sobre o corpo das mulheres, a violência e o poder militar.

Em todas as sociedades que se formaram com a escravidão, o racismo continua sendo estrutural, violento e se intensifica cada vez mais. No atual estágio da globalização neoliberal, em que há a livre-circulação de mercadorias e capital, mas a restrição da circulação das pessoas, vemos o aprofundamento do racismo e da xenofobia. Em razão das guerras e da pobreza, muitos povos migram em busca de melhores condições de vida e encontram um cotidiano marcado por impedimentos, violência, racismo e exclusão da cidadania.

NOSSO CORPO NOS PERTENCE!

O feminismo reivindicou o corpo para as mulheres: *nosso corpo nos pertence!* Com isso, afirmamos que as mulheres são donas de suas próprias vidas. O corpo não está separado da mente e, por isso, a reivindicação de que o corpo nos pertence questiona as formas pelas quais este sistema interfere e molda as subjetividades, colonizando pensamentos e desejos. O corpo das mulheres é moldado e disciplinado para o trabalho, e o comportamento é vigiado, julgado, punido. A forma hegemônica de ser mulher é marcada pela expectativa de uma permanente disponibilidade para o outro, seja pelo nosso trabalho que nunca acaba, seja pelas exigências sobre a aparência.

Nosso corpo é construído junto com os ideais de ser mulher em cada sociedade. Os desconfortos, violências ou processos de aceitação de cada mulher com seu corpo são marcados pela classe, pela raça e pelo gênero. Para as mulheres brancas e de elite, é construído o ideal da fragilidade; para as mulheres negras, trabalhadoras, é incorporada a prática cotidiana de força para dar conta de muito trabalho pesado. Vivemos todas e cada uma a relação com o corpo em momentos históricos determinados.

As imposições racistas e patriarcais sobre nossos corpos, aparência e comportamento nos torna quase sempre incompletas, inseguras. É como se nosso corpo precisasse ser corrigido e melhorado para se adequar às exigências da sociedade racista e machista em geral, e dos homens em particular.

NOSSA AUTONOMIA NÃO SE VENDE!

A tentativa de esvaziar os conteúdos do feminismo em campanhas publicitárias para aumentar suas vendas nos indigna. Empresas de cosméticos tentam passar uma maquiagem lilás falando de empoderamento individual nas propagandas. Mas baseiam seus lucros na imposição de padrões de beleza e na superexploração de milhões de mulheres que produzem e vendem seus produtos e não são consideradas trabalhadoras.

As farmácias vendem livremente medicamentos de laboratórios transnacionais que prometem alívio imediato para as dores físicas e psicológicas, desde dores de cabeça, musculares, até a ansiedade, a depressão, além dos remédios para emagrecer. Enquanto os remédios são vendidos como soluções mágicas, as causas do mal estar ficam sem questionamento. As mulheres seguem submetidas a um cotidiano de ritmos intensos de trabalho pago e não pago, com julgamentos e desqualificações permanentes.

A luta feminista pela liberdade e a autonomia sobre o corpo carrega um sentido integral de transformação. Luta essa que envolve um processo permanente de ampliação da consciência feminista e desalienação do nosso corpo, vida e trabalho.



EM MARCHA POR UMA SEXUALIDADE LIVRE

Hoje em dia os discursos de liberdade sexual convivem com violência, estupro coletivo e corretivos, com *revenge porn* e outras manifestações que nos mantêm em permanente tensão entre o prazer e o perigo. A hipersexualização convive com inibição e repressão, que leva as meninas a crescer sem conhecer seu primeiro território. E assim são levadas a acreditar que é necessário enquadrar-se em estereótipos e padrões socialmente estabelecidos. A polarização entre santas e putas marca a formação da identidade das mulheres, e os julgamentos são constantes.

Essa realidade é ainda mais cruel para as mulheres negras, que enfrentam a solidão e a hipersexualização de seus corpos. Esse processo tem suas raízes na escravidão, com o estupro e violência sistemática das mulheres negras e também das indígenas. Hoje se reflete na visão de que, especialmente na juventude, as mulheres negras existem apenas para transar, e não para manter relações estáveis e de afeto mútuo, restando para estas a solidão.

O feminismo já questionou muito essa realidade, mas o mundo patriarcal e racista ainda trata as mulheres como corpos disponíveis para o prazer dos outros. A heteronormatividade ainda é fundamental para o controle do corpo, do trabalho e da sexualidade das mulheres, pois nega a diversidade, discrimina, pune e estigmatiza todas e todos que transgridem as regras impostas. As lutas feministas e LBTs mudaram e continuam mudando a forma como a sexualidade é percebida e vivenciada.

CONHECIMENTO PRODUZIDO POR QUEM? PARA QUE? PARA QUEM?

A universidade é um espaço fundamental para a disputa de pensamento, de hegemonia, de construção da sociedade que queremos. A democratização, interiorização e expansão das universidades, durante os governos do PT, possibilitou que mais mulheres, negras e pobres entrassem no ensino superior e em cursos das mais diversas áreas.

Nossa presença é fruto de muita luta. Nossa experiência universitária é de resistência, luta e de um constante desafio de criatividade para romper com as determinações centradas nas experiências de homens brancos em todas as áreas de conhecimento.

A divisão sexual do trabalho ainda tem um peso muito grande na escolha dos nossos cursos, carreiras e sonhos, mas é impossível ignorar o fato de que hoje as mulheres são maioria no ensino superior. A história como é contada e a teoria como é sistematizada costuma ser enviesada e ter como referência a experiência de uma pequena parcela de homens da elite, em sua maioria brancos, para sedimentar uma visão de mundo que exclui uma parcela grande da população do poder, da fala, do lugar de sujeitos. As mulheres são invisibilizadas tanto no fazer teoria, como no construir a prática. É muito pequeno o número de referências mulheres e de países do sul que são reconhecidas nos diversos campos da academia.

As mulheres produzem conhecimento dentro e fora da academia, mas enfrentam a invisibilização e desqualificação. É preciso que nossa ação coletiva se reflita na aproximação de cada vez mais mulheres para a produção de conhecimento feminista, tendo como pontos de partida nossas vidas e a construção do bem viver. As reflexões e práticas caminham

juntas: as mulheres resistem e, a partir destas resistências cotidianas constroem experiências concretas de transformação feminista.

Hoje, com as políticas golpistas, essas lutas passam também por resistir e impedir retrocessos o acesso e na permanência na universidade pelas mulheres negras e da classe trabalhadora no geral.

O FEMINISMO MUDA A UNIVERSIDADE

A experiência feminista no movimento estudantil impulsionou a auto-organização das mulheres desde o primeiro Encontro de Mulheres Estudantes (em 2005). E junto com a democratização do acesso, também ampliou os grupos de pesquisas e disciplinas que estudam o feminismo em muitas universidades. As mulheres e o feminismo marcam cada vez mais o movimento estudantil no Brasil, desde os coletivos feministas nos cursos, nas entidades do movimento estudantil de cada universidade e nas entidades gerais como UEE's e na UNE.

Em todo o país, as estudantes estão organizadas revelando o assédio e a violência que enfrentam todos os dias, com práticas discriminatórias, misóginas e racistas de professores e estudantes que marcam a nossa trajetória acadêmica.

Uma das grandes contribuições que o movimento feminista traz ao movimento estudantil é a proposta e a vivência de uma nova forma de organização e socialização. Nós, feministas, denunciemos os casos de machismo, racismo e LBTfobia dentro do ME, como também atuamos para construir uma lógica de movimento que não é pautada na disputa e desqualificação do outro ou da outra. Queremos que prevaleça uma lógica de respeito, horizontalidade e construção coletiva de sínteses que respeitam a diversidade de ideias presente nos espaços.



ENEGRECER O FEMINISMO

Para nós, mulheres negras da Marcha Mundial das Mulheres, é preciso construir as formas de resistência e superação das opressões racial e patriarcal alinhando prática feminista ao antirracismo. Enegrecer o feminismo significa incorporar as narrativas das mulheres populares. Elas que no seu dia a dia se auto-organizam para superar a falta de políticas públicas, formam e chefiam famílias mais cedo. No seu cotidiano desenvolvem tecnologias sociais surpreendentes em diversos campos – da saúde à economia. Devemos estar atentas às demandas e particularidades das mulheres que marcham ao nosso lado. Precisamos construir e fortalecer laços de solidariedade real nos espaços de mulheres. Há um desafio que deve ser encarado e partir da perspectiva antirracista e feminista, rompendo com práticas enraizadas. Quebrando o silêncio; mudando ciclos historicamente estabelecidos; se tornando referência para negras e

não-negras; enfrentando a solidão como um ato político. Se a dominação sobre nós é racista e patriarcal, a nossa luta precisa ser feminista e antirracista!

MULHERES EM MOVIMENTO MUDAM O MUNDO!

Lutamos pela legalização do aborto e pela autonomia sobre nossos corpos e nossa sexualidade, ao mesmo tempo que resistimos as políticas de ajuste que aumentam o trabalho das mulheres com o cuidado. Exigimos mais creches públicas, mais empregos com direitos garantidos, mais moradia e reforma agrária. Queremos liberdade para todas, e isso significa também acabar com o controle militarizado de territórios em que a violência do Estado extermina a vida da juventude negra e pobre.

Lutamos contra todas as formas de violência, desde o assédio, até os estupro e feminicídios e com essa luta denunciemos o patriarcado, suas velhas e novas estratégias para manter o controle e o domínio sobre a vida das mulheres.

ESTAMOS TODOS OS DIAS EM MOVIMENTO

A horizontalidade, a ocupação dos espaços públicos, a irreverência e radicalidade são princípios que sempre marcaram o feminismo. O feminismo muda as práticas sociais e transforma nossa forma de ser e estar no mundo, mas o feminismo é muito mais do que comportamento. Não aceitamos que a nossa luta por liberdade e igualdade seja reduzida a visões e práticas liberais e individualistas, que não incomodam e nem questionam as bases materiais do patriarcado capitalista e racista.

Apostamos na construção de um movimento auto-organizado, forte, amplo e posicionado, que seja capaz de interferir nos rumos da sociedade e garantir mudanças que alcancem a vida de todas as mulheres.

“Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres” é o lema que nos organiza em permanente movimento para para mudar a vida das mulheres e o mundo. Somos **feministas anti-capitalistas** em luta por **igualdade e liberdade** para todas as mulheres.

SEGUIREMOS EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!